

## MORTE E MORRER: POSSIBILIDADES DE DISCUSSÃO NA GRADUAÇÃO DE ENFERMAGEM

TAÍS ALVES FARIAS<sup>1</sup>; RICARDO AIRES DA SILVEIRA<sup>2</sup>; STEFANIE GRIEBELER OLIVEIRA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – tais\_alves15@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas– ricardo.a.silveira@outlook.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas– stefaniegriebeleroliveira@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

A morte e o processo de morrer são fatos ou acontecimentos inerentes a existência humana e a sociedade por milhares de séculos. Esse momento vem presente desde o início até o estágio final do ciclo de um indivíduo, trazendo consigo diversos questionamentos que acarretam em sentimentos como raiva, negação, tristeza, despreparo, desenvolvidos por familiares, profissionais da saúde e até mesmo pela pessoa que terá sua vida encerrada, pelo menos nesse plano, conforme algumas religiões (JÚNIOR, SANTOS, MOURA et al., 2011).

Pensando sobre a aceitação e inserção da morte na sociedade, onde o tema é tratado sutilmente, desfocado em conversas e despercebido no cotidiano, resolvemos observar como se encontra no meio acadêmico, principalmente no curso de Enfermagem, a discussão sobre o processo de finalidade de uma vida. Esse assunto durante a graduação é tratado subjetivamente, sendo apontado por alunos como necessário e importante de ser abordado, pelo fato de ficarmos seguidamente a frente de experiências de morte e da terminalidade de pacientes, onde o despreparo do profissional não fornece suporte necessário aos familiares e indivíduos que estão presentes pelo processo de morte e morrer.

Embora a magnitude da morte e seus afins sejam considerados um tabu, por muitas vezes os alunos são impulsionados a procurar outros meios de conhecimentos que comportem suas necessidades, para sentirem-se mais preparados, de modo que, quando adentrarem no âmbito profissional, possam enfrentar tais experiências relativas ao processo de morte e morrer e dar suporte para o paciente e as famílias nesses momentos.

A morte faz parte do cotidiano profissional de enfermagem, e precisa ser trabalhada em grupos de discussão, projetos, trabalhos acadêmicos, entre outros, de forma que a morte seja vista como natural e aceitável, entendida nos diversos modos de pensar a sua essência, seja na religião, ciência, ciclo, divindade, etc... Diante disso o presente trabalho pretende refletir sobre as possibilidades de discussão sobre a morte ao longo da graduação em enfermagem, desmitificando a mesma como só algo ruim, sofrido e inaceitável, mostrando a ideia que é algo inexorável, porém presente em nosso meio.

### 2. METODOLOGIA

A escolha do tema para reflexão, surgiu a partir da discussão que partiu de minha participação no Grupo de Estudos de Práticas Contemporâneas do Cuidado de Si e dos Outros (GEPECCUIDADO), desde Março de 2015 e também de minha participação no Projeto de Extensão “Um olhar sobre o cuidador familiar: Quem cuida merece ser cuidado” e Pesquisa “ Modos de ser cuidador em atenção domiciliar: práticas que falam de si” no mesmo período, em que conforme

reflexões baseados em textos e associados ao nosso conhecimento acadêmico, enfatizamos a morte e especificidades em questão.

Para embasar tal discussão, buscou-se artigos sobre morte relacionados a enfermagem nas ferramentas como Scielo e Google Acadêmico, que articulados as reflexões e experiências auxiliaram na construção do mesmo.

## 2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resumo foi elaborado devida a necessidade de se falar sobre a terminalidade e o processo de morte. Estamos nos graduando para fornecer o melhor cuidado aos pacientes que forem nos designados, porém há fragilidades na graduação em relação a nos preparar para a perda dos mesmos. Como lidar ao receber alguém que veio somente para medidas de conforto? Como aceitar, entender essa realidade? E em relação a família, como devemos interagir com os mesmos, ouvindo rumores, dores, negações e desamor por tudo ao se ver prestes a perder quem tanto se ama? E a maior tristeza, que é o paciente que por esse processo passa? E você como querer entender que isso seja constante, onde embora se queira vida, ocorre-se a morte? Enfim, diversos questionamentos que são ignorados, e alguns acadêmicos que nunca tiveram experiências de perdas importantes, como alguém da família, por exemplo, e outros que já foram atravessados por essas experiências.

Mas, como englobar todos em um meio só? Há acadêmicos que necessitam de uma discussão maior sobre a morte, talvez nossos professores, os mesmos que ensinam sejam aqueles que possuem medos, e tratam isso superficialmente, diminuindo esse tema que teria uma vazão tão exploratória.

Auxiliando nessas fragilidades que conhecemos o projeto de extensão “Um olhar sobre o cuidador familiar: quem cuida merece ser cuidado”, que além do objetivo já descrito claramente no título, fornece aos acadêmicos a relação direta através de visitas domiciliares a percepção dos familiares e paciente perante a morte. Por ser um trabalho interligado ao Programa de Internação Domiciliar Interdisciplinar (PIDI) e ao Melhor em casa, estimula os acadêmicos a desenvolverem melhor suas habilidades e crenças sobre a terminalidade.

Baseados em reuniões de grupos em fontes bibliográficas, desenvolvemos reflexões e discussões essenciais ao saber do ser humano, sobre a capacidade de entendimento, conforto, conhecimento das facetas da morte, direcionados a uma melhor aceitação tanto para o acadêmico como os participantes avaliados do projeto, que juntamente com as visitas em um ambiente fora do âmbito hospitalar, formam visões diferentes do assunto.

Não que tenhamos que nos tornar os aceitadores das perdas, mas sim pessoas que entendam que isso é um ciclo, que amanhã poderemos ser nós. Se é para ser vista as fatalidades do desprendimento humano da terra, que ao menos seja de forma digna, com esclarecimento de fatos, entendimentos dos processos da morte e amor pelos que aqui ficam.

Baseados em outros meios que não são desenvolvidos, programados em nosso currículo, buscamos saberes extras, sobre profundidade humana, o estigma da evolução com sua finalidade e integração de todos os conhecimentos afim de um bem só, que é o amor a vida.

A cultura de negação direta sobre a morte está implantada fortemente na sociedade ocidental, onde a falta de conhecimento dos fatos da vida e de morrer, desenvolvem em alguns profissionais o sentimento de fracasso quando o paciente vem a falecer, isso ocorre devido aos avanços tecnológicos e ênfase na formação

de profissionais da saúde em apenas preservar a vida, sendo devidamente impactados quando ocorre a morte.

Digamos que esses profissionais eram formados principalmente com a intenção de ajudar o paciente a viver a qualquer custo, ocorrendo uma luta incessante contra a morte, porém nos dias atuais, quando se começa a acompanhar o processo de morte e morrer, ou seja, a terminalidade de um indivíduo, os enfermeiros em especial, desenvolvem a percepção de entender e compreender as necessidades do paciente, onde não se torna mais forçado a vida sobre qualquer coisa, mas sim o conforto, carinho, medidas de cuidados que preservem esses últimos momentos, oferecendo uma morte digna aos mesmos. Portanto os enfermeiros aprendem de certa forma de que quando não há metas de cura, existe a possibilidade de metas de cuidados, onde há sempre o que fazer a esse paciente, havendo consciência da seriedade desse processo devidamente como suas tensões que afetam tanto profissionais, familiares e paciente, ocorrendo um equilíbrio no processo de morte e morrer (OLIVEIRA et al, 2011).

Por esse motivo, é importante haver temas transversais como a morte em meio a graduação, onde através de discussões ocorressem as perspectivas de conforto, acerca da morte e do morrer promovendo uma atenção mais integral, avaliando os dois parâmetros entre vida e morte, criando um profissional mais completo e que se porte nessas duas posições, sendo importante a vida sempre como um todo, mas que também o fim dela não seja tão martirizado.

### 3. CONCLUSÕES

Conforme o texto, consideramos de muita relevância a implementação do tema ao longo da graduação, pelo fato de haver poucas aulas administradas que contemple o assunto. Assim, evitar-se-ia fragilidades e falta de preparo com o tema e experiência, fornecendo oportunidades aos alunos, que após formados teriam maior facilidade em gerenciar alguns lugares, onde a morte seja constante, sem deixar de preservar a vida.

Com o maior conhecimento sobre o processo de morte e morrer, os acadêmicos desenvolveriam maiores facilidades em relação a terminalidade, melhorando sua atuação como enfermeiros de forma a englobar o cuidado do paciente, familiar e profissionais em um meio só, aperfeiçoando mais suas práticas, amenizando suas inseguranças em pró a uma saúde de qualidade ou uma morte dignamente.

### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JÚNIOR, F.J.G.S., SANTOS, L.C.S., MOURA, P.V.S., MELO, B.M.S., MONTEIRO, C.F.S. Processo de morte e morrer: evidências da literatura científica de Enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v.64, n.6, p.1122-6, 2011.

OLIVEIRA, S.G., QUINTANA, A.M., BUDÓ, M.L.D., BERTOLINO, K.C.O., KRUSE, M.H.L. A formação do enfermeiro frente às necessidades emergentes da terminalidade do indivíduo. **Revista de Enfermagem da UFSM**. Santa Maria, v.1, n.1, p.97-102, 2011.